

MARIA INÊS PIRES DE CAMPOS MAIA SZOCS

**CANTANDO A VIDA:
O IDOSO E A CONSTITUIÇÃO DO SI-MESMO NUMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA MEDIADA PELA ARTE-TERAPIA
E PELA MUSICOTERAPIA.**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
2009

MARIA INÊS PIRES DE CAMPOS MAIA SZOCS

**CANTANDO A VIDA:
O IDOSO E A CONSTITUIÇÃO DO SI-MESMO NUMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA MEDIADA PELA ARTE-TERAPIA E
PELA MUSICOTERAPIA.**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do Certificado de Conclusão do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Psicopedagogia à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – COGEAE.

Orientadora: Prof^a Dr^a Eloisa Quadros Fagali

SÃO PAULO - 2009
Autor: Maria Inês Pires de Campos Maia Szocs

Cantando a vida: O Idoso e a Constituição do Si-Mesmo Numa Proposta de Intervenção Psicopedagógica Mediada pela Arte-Terapia e pela Musicoterapia.

À minha querida mãe, Nelly, que me ensinou a amar a vida, a tocar violão, a ter fé em Deus e a valorizar cada momento como se fosse o último.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dra. Eloisa Quadros Fagali, pela orientação deste trabalho.

À Prof. Dra. Anete Busin Fernandez por ter compartilhado comigo seus conhecimentos ao longo do curso de Psicopedagogia.

À Prof^a. Dr^a. Neide Barbosa Saisi, mestra inesquecível, que me ensinou os meandros do trabalho de pesquisa científica e se tornou uma grande amiga e inspiração para mim.

Aos meus pacientes, com os quais tenho aprendido a dignidade deste ofício.

Às amigas e colegas Silvia Robatton Loverbeck e Helena Testi por terem sido tão companheiras ao longo deste percurso.

Ao meu querido marido, Lajos, por seu amor, incentivo e companheirismo, assim como às minhas filhas, Marina e Mariana, bênçãos maiores da minha vida.

Um agradecimento especial à minha mãe, por sempre ter apostado em mim e por ser a mulher bonita, alegre e corajosa, que trago guardada como um tesouro em meu coração.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?

*Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.*

...

Chegou um tempo em que não adianta morrer.

Chegou um tempo que a vida é uma ordem.

A vida apenas, sem mistificação.

Carlos Drummond de Andrade.

Resumo

O presente trabalho procura abordar, à luz da teoria de Winnicott a importância do contínuo processo de constituição do ser ao longo da existência humana.

Evidencia o descaso da cultura ocidental com relação aos idosos como elemento desencadeador do sentimento de não pertencimento e da ausência da sustentação necessária para o viver criativo.

Apresenta uma proposta de ação psicopedagógica mediada pela Arte-terapia e pela Musicoterapia, que objetiva a evolução cognitiva, a reconstrução da identidade e o resgate da auto estima.

Reconhece a memória autobiográfica como importante recurso na retomada da consciência do indivíduo sobre si mesmo e procura conhecer as peculiaridades de cada um como elemento dinamizador para viver o aqui e o agora.

Propõe que o atendimento psicopedagógico voltado aos idosos seja permeado pela arte e seus efeitos benéficos e libertadores.

Almeja que o indivíduo idoso possa se restabelecer como protagonista da própria vida, vislumbrando a possibilidade da concretização de novos projetos, transformando a velhice em um tempo de realizações.

Destaca os benefícios desta prática para idosos que se encontram em estado demencial leve, sobretudo no que se refere à retomada do diálogo entre o mundo interior e exterior.

Tem como principal proposta criar oportunidades nas quais os idosos possam viver o crepúsculo da vida, como disse Jung, com solidariedade, dignidade e humanidade.

Palavras chave: psicopedagogia, arte-terapia, velhice, histórias de vida, música, arte, identidade, amadurecimento, autoria, evolução.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1. FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS	11
1.1 WINNICOTT E O ENVELHECER	11
1.2 JUNG E A SEGUNDA METADE DA VIDA	17
1.3 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA, DA ARTE-TERAPIA E DA MUSICOTERAPIA	22
1.4 A MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA	32
CAPÍTULO 2. RELATO DE EXPERIÊNCIA	40
2.1 PRIMEIRO ENCONTRO – CANTANDO HISTÓRIAS	41
2.2 SEGUNDO ENCONTRO – TOCANDO A VIDA	43
2.3 TERCEIRO ENCONTRO - A ALMA ENRRUGADA	45
2.4 QUARTO ENCONTRO - A SOLIDÃO	46
2.5 QUINTO ENCONTRO - A TRILHA SONORA	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

INTRODUÇÃO

Ao longo de minha vivência desenvolvi um grande interesse pelas questões relativas ao envelhecimento.

A convivência com pessoas idosas e a constatação do valor do ser humano em todas as fases da vida, me impulsionaram a procurar respostas que indicassem caminhos alternativos na tentativa de apresentar a velhice como um universo rico de possibilidades para o viver e para o ser.

Como pedagoga direcionei minha ação por meio da educação, objetivando transformar concepções cristalizadas e estereotipadas acerca da velhice. No transcorrer do curso de Psicopedagogia voltei minha atenção à contínua construção da identidade, que compreende o homem como um projeto inacabado, em constante evolução, sempre ansiando por ser, vivendo um eterno devir.

O contato com alguns idosos tornou visível a precariedade da vida psíquica que aos poucos vai deteriorando a capacidade de um viver criativo, do sentir-se vivo no aqui e no agora, apagando pouco a pouco os contornos singulares da identidade de cada um.

Muitas vezes o idoso vive o drama da destituição de papéis, o que é peculiar a uma cultura que não oferece lugares suficientemente bons para que os velhos continuem sua trajetória como indivíduos protagonistas de suas vidas.

Se a sociedade contemporânea ocidental não disponibiliza meios para que os idosos se constituam a si-mesmos, poderia a psicopedagogia, mediada pela arte-terapia e pela musicoterapia propor uma ação que alcançasse esse intento?

Este trabalho se propõe a responder essa questão primordial, considerando como objetivo principal a concretização da imagem interna, a relação com o aqui e o agora e a contínua reconstrução do ser.

A procura por caminhos que possibilitem essa reconstrução, a re-significação do indivíduo e a retomada de um viver criativo despertou meu interesse pela Arte-terapia como proposta viabilizadora da revelação e reestruturação do sujeito.

Segundo Maria Alice Val Barcellos (1997-1998) a Arte-Terapia é um processo de integração do ser. Um caminho para ajudar o indivíduo a amar o que ele é, entrar em contato com o que ele tem de único, mostrar seu caminho singular.

Tendo em conta que o indivíduo é um ser individual, cada problema individual é também exclusivo, pontilhado de escolhas reveladas tanto nos insucessos quanto nos pontos altos de sua vida. A Arte-Terapia favorece a descoberta gradativa desses pontos fortes e fracos da pessoa, de seus desejos, nem sempre por ela conhecidos. A arte torna-se um caminho para que ela se contextualize e participe do mundo, numa perspectiva de melhor qualidade.

A fecundidade do trabalho Arte-Terapêutico é explicada pelas várias possibilidades de expressão que oferece às pessoas de todas as idades, permitindo o diálogo interno.

[...] a função da arte é buscar no indivíduo todo o seu mundo escondido nas sombras do inconsciente, e através de um material rico e variado o indivíduo vai descobrir a partir de sua criação, toda riqueza bloqueada trazendo à tona um universo de possibilidades e descobertas [...] (FABIETTI; CHIESA, 1997, 1998).

A música enquanto elemento provocador do processo de retomada de autoconhecimento provocou meu interesse pela Musicoterapia como um conhecimento capaz de beneficiar o resgate da memória autobiográfica, a estimulação da expressão pessoal e a elevação da auto-estima.

A música é utilizada para ajudar o indivíduo no desenvolvimento de seu potencial humano, buscando a essência do ser. A utilização e aplicação de elementos sonoros, leva o indivíduo a conhecer suas formações interiores, contribuindo para a consciência do aqui-agora. (BARATELLA, 2008, p.87)

A Psicopedagogia norteou a experiência que será relatada, fundamentando as ações para a restauração do poder de simbolizar, criar e se expressar como sujeito autor da própria vida. Para Fernandez (2001, p.27):

A inteligência não se constrói no vazio: ela se nutre de prazer pela autoria. Por sua vez, nas próprias experiências o sujeito vai construindo a autoria de pensamento e o reconhecimento de que é capaz de transformar a realidade e a si mesmo.

Tendo em vista essas considerações, o presente trabalho foi desenvolvido e norteado, além da questão primordial pelas seguintes questões:

- a) A ação psicopedagógica mediada pela Arte-Terapia e pela Musicoterapia como elemento favorecedor do resgate da identidade do indivíduo idoso.
- b) A tomada de consciência das peculiaridades do sujeito reveladas na expressão artística que podem contribuir para a reconstrução do sujeito de autoria.
- c) Os procedimentos inspirados na Arte-Terapia e na Musicoterapia re-estabelecendo o diálogo entre o mundo interno e o externo.

A relevância dessa proposta apóia-se na concepção de que o ser humano é um projeto em constante evolução, capaz de se reinventar ao longo da vida, reconstruindo sua identidade, resgatando a própria história e de que a Musicoterapia e a Arte-Terapia são abordagens de fundamental importância para a realização desses objetivos.

As vivências aqui relatadas podem sinalizar um rico caminho a ser percorrido no atendimento a idosos, tendo como enfoque principal a retomada do processo de aprendizagem sobre si mesmo e a redescoberta de suas potencialidades únicas.

O presente trabalho demonstrou ainda a importância da maternagem necessária para que o idoso se sinta sustentado, acolhido e validado.

Mostrou que a psicopedagogia clínica pode dar o devido suporte à maturidade como uma etapa que pode ser vivida com dignidade e plenitude.

O desenrolar da experiência provocou grandes transformações em minha formação como psicopedagoga e uma profunda alegria em compreender o quanto é gratificante e possível participar de ações que façam desse ofício uma declaração de amor e de crença no ser humano.

1. FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS

A pesquisa teórica inicia-se com as fundamentações de Winnicott, entendendo o sujeito como um ser que se constitui como sujeito humano, singular e único ao longo de toda sua existência, com a contribuição do outro humano, também singular e único nesse processo.

As reflexões são complementadas pelos estudos analíticos de Carl Jung sobre as sombras e revelações conscientes e possíveis criações na segunda metade da vida.

Os fundamentos da Arte Terapia, da Musicoterapia e da Memória Autobiográfica são apresentados como abordagens viabilizadoras para o resgate e a constituição da identidade na proposta de intervenção psicopedagógica.

1.1 WINNICOTT E O ENVELHECER

“O que chamamos começo é freqüentemente o fim e chegar a um fim é chegar a um começo. O fim é de onde começamos”. (WINNICOTT, 1971)

A importância do outro para a constituição do sujeito é destacada por Winnicott, que considera fundamentais as primeiras relações humanas no vir a ser de cada um.

Winnicott afirma que toda pessoa nasce com um potencial de vir a ser ela própria, ou seja, anseia pelo próprio devir. Assim, ressalta que o que move o psiquismo é o anseio por ser.

O bebê depende totalmente do outro, por uma questão de sobrevivência, pois é através dele que suas necessidades físicas serão atendidas. Nessa relação o bebê vai construindo seu psiquismo, que aos poucos vai se sofisticando e se tornando complexo para atender as vicissitudes da vida. O desenvolvimento do psiquismo depende da qualidade da troca libidinal entre o bebê e o mundo.

O viver verdadeiro, que acontece quando há possibilidade de troca com o ambiente, depende das primeiras relações do bebê com sua mãe.

Ao assumir uma posição fidedigna a mãe constrói os alicerces da confiança da criança nos relacionamentos e na vida.

Um indivíduo em condições físicas e ambientais favoráveis se constituirá subjetivamente uno e singular, com um espaço interno (onde a riqueza pessoal se consolida ou não) e um espaço externo que é a área do compartilhamento. Há ainda uma terceira área que é a área da experiência cultural ou do brincar criativo.

Winnicott atribui um valor especial a essa terceira área, pois para ele: “O brincar e as experiências culturais são as coisas que vinculam o passado, o presente e o futuro, e que ocupam tempo e espaço [...]” (WINNICOTT, 1971, p. 145).

Reafirmando a importância do outro para que essa aquisição se realize, ele diz:

Um bebê pode ser alimentado sem amor, mas um manejo desamoroso, ou impessoal, fracassa em fazer uma nova criança humana, autônoma. Onde há confiança e fidedignidade há também um espaço potencial, espaço que pode tornar-se uma área infinita de separação, e o bebê, a criança, o adolescente e o adulto podem preenchê-la criativamente com o brincar, que com o tempo, se transforma na fruição da herança cultural” (WINNICOTT, 1971, p. 150).

Se a velhice for considerada uma etapa do desenvolvimento humano, na qual existe a possibilidade de um viver verdadeiro, há necessidade da elaboração de condições que permitam ao idoso a aquisição do existir.

Talvez esse seja um rico caminho para a prevenção de doenças que acabam isolando ainda mais o ser que envelhece, enfraquecendo sua vida psíquica e apagando os contornos de sua identidade.

Winnicott entende as experiências culturais como uma ampliação da idéia de fenômenos transicionais e do brincar como tradições herdadas. Para ele: “a cultura é algo que pertence ao fundo comum da humanidade para a qual indivíduos e grupos podem contribuir, e do qual todos podem fruir, se tiverem um lugar para guardar o que encontrarem [...]” (WINNICOTT, 1971, p. 138).

Se para o bebê é a mãe, que através de seus cuidados, instala no filho a confiança que o acompanhará pela vida afora, propiciando sua inserção na cultura, que lugar é ofertado pela cultura ao idoso?

A cultura ocidental contemporânea é pródiga em valorizar o ter em detrimento do ser. Essa inversão de valores contribui para a destituição de papéis vivida pelos idosos, e conseqüentemente, para uma progressiva perda de identidade em decorrência do fato de não ser mais olhado e considerado.

O sentimento de não pertencer, de não ocupar um lugar pode trazer à tona todos os não lugares que o indivíduo viveu ao longo de sua existência.

Winnicott destaca a importância de o indivíduo ter um lugar no mundo de saber-se pertencente, e denomina esse sentimento de pertencer de *Playcement*.

A reflexão sobre a constituição da identidade a partir das concepções de Winnicott é altamente relevante, assim como a explicitação de alguns conceitos defendidos por ele, especialmente o *holding* e o *manejo*.

O *holding* diz respeito a tudo aquilo que a mãe faz para o seu bebê e o *manejo* é a maneira como ela o faz. Isso inclui o segurar e o largar no momento, na forma e no tempo certo, conforme a necessidade do bebê. É um estado de extrema identificação, no qual a mãe sabe, ou mais ou menos sabe, sem precisar pensar, qual é a necessidade de seu filho. O toque é parte do *holding*. A mãe ao cuidar do bebê o toca, e é sua forma de tocá-lo que vai possibilitar a instalação da psique dentro do corpo da criança. Através de sua empatia e consistência, a mãe “sustenta” seu bebê. É o seu ego que dá sustentação ao ego ainda frágil do bebê, que ainda terá de ser integrado.

Nessa constituição do si mesmo existe a importância do olhar da mãe, pois, para Winnicott, logo no início da vida, o bebê se reconhece essencialmente nos olhos e na expressão facial dela. Na verdade o bebê não existe sem a mãe, ele é o que o rosto dela lhe diz. Pode ser alguém amado e importante, mas também horrível, se ela assim o olhar, ou inexistente, se não for olhado.

Para alguém ser, constituir o si mesmo é preciso ter tido *holding*, ou ao menos recebê-lo em algum outro momento.

Winnicott enfatiza que acontecimentos ocorridos na “unidade mãe-bebê” são determinantes na constituição da personalidade pela vida afora. Dentre eles, alguns contribuem para que a pessoa seja saudável e outros podem, ao contrário, causar-lhe dificuldades.

Quem é capaz de dar *holding* ao bebê é a mãe denominada pelo autor “suficientemente boa” (categoria na qual ele coloca a maioria das mães), que propicia as condições necessárias para um desenvolvimento saudável.

Para alguém SER é necessário uma mãe que acolha, respeite, enxergue o filho tal como ele é, seja estável, e se ausente apenas pelo tempo que o bebê pode agüentar sem enlouquecer. Para alguém continuar a SER ao longo da vida se faz necessária uma extensão do *holding*.

Num primeiro momento o bebê necessita dos cuidados de uma mãe para encontrar a experiência de integração e de *holding*, mas um dia, este desaparece do colo da mãe e muda de lugar, vindo do pai, da cultura, dos amigos, dos objetos culturais disponíveis. É essa extensão do *holding* ofertado pela cultura que dará sustentação ao indivíduo, o que significa que mesmo na vida adulta as pessoas necessitam de *holding*, sendo que, quando se encontram fragilizadas esta necessidade é ainda maior.

As crises desencadeadas ao longo do processo de envelhecimento podem fragilizar o idoso, que se depara com uma situação de não pertencimento social, de isolamento e sofrimento, na qual os contornos de sua identidade se tornam muito tênues frente às adversidades que a vida lhe impõe.

A afirmação de Winnicott sobre a importância dos acontecimentos ocorridos na “unidade mãe-bebê” como determinantes da constituição da personalidade da pessoa pelo resto da vida encontra ênfase em outro autor:

A probabilidade de as pessoas que tiveram, na mais tenra infância, um ambiente suficientemente bom elaborarem de modo mais satisfatório as possíveis crises do envelhecer é grande, pois a confiança que adquiriram na relação humana tende a permanecer. Aqueles que, por infelicidade, pouco tiveram de *holding*, ainda assim, em outros momentos da vida, podem vir a ter a chance de constituir aquilo que não foi constituído e de encontrar outras pessoas disponíveis a acolhê-los. Aqui está sendo dito que uma boa relação inicial com a mãe permanece no indivíduo com essa qualidade boa, e que este modelo introjectado de relação inicial vai influir em comportamentos futuros, incessantemente. (BROCHSZTAIN, 1996, p. 32)

Para viver a integração de si mesmo em outros momentos da vida, o indivíduo precisa ter gesto, rosto e singularidade, precisa em síntese sentir-se acolhido em sua peculiaridade para, desse modo, construir um lugar.

Se a cultura é a extensão do *holding*, de que forma tem sustentado a pessoa idosa? Qual o olhar e o gesto dirigidos aos velhos pela cultura ocidental contemporânea?

Winnicott chamava a cultura de lugar, o lugar em que se deposita um saber, do qual se retira um saber, que possibilita o convívio com a memória e que permite a emergência do gesto, da criatividade, não só dos indivíduos, mas de toda uma geração.

É a cultura que outorga o saber sobre a vida humana, mas ao mesmo tempo precisa acolher novas perspectivas para lidar com as grandes questões da humanidade.

Uma dessas questões é o envelhecer e os significados atribuídos à pessoa idosa. Ao significar os grandes mistérios da existência, a cultura permite que o indivíduo se posicione com relação a esses fenômenos. Esse posicionamento alarga as possibilidades do ser humano ter gesto frente a esses acontecimentos, que sem significado, sem a mediação cultural podem se transformar em enigmas, provocando uma experiência de paralisação.

A cultura define lugares, outorgando o que é uma criança, uma mãe, um velho, mas estes são lugares para além da funcionalidade.

Quando alguém não encontra um lugar social e é excluído vê sua própria condição humana colocada em risco. A ausência do sentimento de pertencimento, a impossibilidade de contribuir provoca a perda do valor pessoal. Isso se dá porque a comunidade não oferta um lugar à pessoa, que por sua vez, tendo introjectado valores que não enaltecem a participação do idoso, assume uma posição de inércia e resignação conformando-se e incorporando o isolamento e a exclusão. Essa situação atinge a dignidade do velho e deflagra decorrências psicológicas. Carente de uma cultura que oferte lugares a partir dos quais possa se constituir, o idoso se vê colocado à margem da vida.

Um dos problemas do mundo atual com relação à velhice é que a sociedade do lucro enaltece o ter em detrimento do ser, esquecendo-se de que o mais fundamental é a preservação da existência humana.

Este relato de experiência apresentará uma proposta de intervenção psicopedagógica alicerçada no entendimento de que o velho precisa ser olhado, reconhecido como um ser único e essencial. Para isso propõe o acolhimento do que o sujeito traz de genuíno, de peculiar, através da arte e de todo o potencial humano que ela ajuda a descobrir, por meio da contemplação da subjetividade.

Na maturidade, além do desgaste natural do organismo, há um estranhamento enfrentado pelo idoso com relação ao próprio corpo, agora enfraquecido, lento, limitado e portador do sinal de finitude.

A sociedade recebe com desconforto questões relacionadas ao fenômeno da morte:

[...] a morte é sentida com muito medo. Tomamos consciência dela observando a morte alheia, e através da construção que a humanidade faz do tempo, por exemplo as estações do ano tem começo, meio, fim, mas retornam e tudo começa outra vez, ciclicamente. Todavia o ser não retorna. Aquele que morreu nunca mais poderá nos contar de sua vivência, compartilhar conosco o que sentiu. Na crença de alguns morrer é juntar-se à terra, deixar de existir como ser humano. Esta representação da morte provoca emoções singulares ligadas ao viver e ao morrer. Tanto trabalho psíquico para organizar o mundo, dar sentido à existência, para tudo acabar em nada? Outros podem entender que é um mistério o que acontece após a morte, e o desconhecido costuma ser temido a ponto da morte virar tabu e ser negada em nossa sociedade. (BROCHSZTAIN, 1996)

Winnicott destaca que o mais importante na vida adulta é poder envelhecer e morrer. Para ele morrer é retornar a um estado inicial de solidão essencial: “A experiência do primeiro despertar dá ao indivíduo a idéia de que existe um estado de não estar vivo cheio de paz, que poderia ser pacificamente alcançado por meio de uma regressão extrema” (1988, p. 154)

Essa concepção winnicottiana ressalta uma identificação entre o final do processo de amadurecimento com o momento inicial, mostrando que há um retorno à origem, no qual a morte é o caminho para que se complete o ciclo da vida.

Para ele só as pessoas que tiveram um viver verdadeiro, e que alcançaram o estado unitário do EU SOU poderão aprender a morrer. Winnicott refere-se ao sentimento de ser real e de existir como identidade que: “[...] não constituem um fim em si mesmo, mas uma posição a partir da qual a vida pode ser vivida [...]” (1999, p. 332).

Enfatiza que terrível mesmo é a morte interna, que leva o indivíduo a perder o sentimento de que a vida é real e significativa.

Este relato de experiência se preocupou em apresentar propostas que contribuam para que o idoso experimente o viver criativo, com benefícios do ponto de vista interno, que possibilitem uma velhice mais digna e humanizada.

Enquanto não houver uma mudança de valores, enquanto a cultura não construir uma visão mais emancipadora da velhice, o velho continuará à mercê de idéias estereotipadas sobre si mesmo.

O próprio velho precisa conhecer novos paradigmas acerca do envelhecer para que não alimente preconceitos contra si mesmo:

Pior que sentir-se desamado pelos outros é ter preconceito contra si mesmo. A consciência humana representa entre outras coisas, a identidade que é a representação que o indivíduo constrói de sua realidade subjetiva. A representação que ele faz do mundo e de si mesmo recebe influência direta das representações que sua cultura criou. A cultura ocidental construiu uma representação desvalorizada do velho... O jovem imerso nesta cultura tende a reproduzir esta representação desvalorizada e costuma ter a ilusão da juventude eterna para si. Conseqüentemente, quando este jovem envelhece, mergulha em um conflito identitário. Ele havia criado para si uma representação identitária que valorizava (a de ser jovem) ao mesmo tempo em que tinha uma representação da velhice como algo desvalorizado. Agora que o velho é ele mesmo, o que fazer com o preconceito? Vira preconceito de si mesmo? (BROCHSZTAIN, 1998, p. 93)

Um trabalho direcionado à resignificação da identidade visa reestabelecer no idoso seu valor pessoal, resgatando sua capacidade de criar, de significar o mundo e de voltar sua ação para o aqui e para o agora, exercendo sua cidadania de forma plena e digna.

1.2 JUNG E A SEGUNDA METADE DA VIDA

Jung propôs um entendimento mais abrangente das etapas da vida humana, visto que compreendia seu desenvolvimento psicológico como um todo harmônico, dividido, mais ou menos em quatro grandes momentos: infância, puberdade, idade adulta e depois o amadurecimento e a velhice.

Para Jung, a metade da vida, em torno dos 40 anos é seguida de profundas transformações psíquicas. Um envelhecer saudável acontecerá se as etapas anteriores forem cumpridas da forma mais completa, segura e criativa possível e se a segunda metade da vida se der de forma ajustada às solicitações do mundo interior de cada indivíduo.

Segundo Jung, nessa fase existe alguma coisa dentro do ser humano que quer permanecer criança, assim como em outras fases há a resistência de abandonar as anteriores.

Diz que essa é uma fase de mudança singular que se processa nas profundezas da alma e a compara com o percurso do sol. Do nascer do sol até o meio-dia é a primeira metade da vida, cuja peculiaridade é “olhar para a vastidão do mundo colorido”, que se torna mais amplo à medida que sobe o que significa, na linguagem psicológica, o indivíduo tomar conhecimento do mundo e das coisas,

conquistando tudo o que pode e ampliando sua consciência e seu ego. Do meio dia em diante, quando inicia o declínio do sol ao poente, estabelece-se a segunda metade da vida, caracterizada pela inversão de todos os valores até então cultivados pela manhã.

“O sol torna-se contraditório consigo mesmo, e é como se recolhesse dentro de si seus próprios raios, em vez de emití-los, diminuindo luz e calor até se extinguirem”.(JUNG, 1984, p. 346-347).

Esta imagem poética se adéqua perfeitamente ao que vemos acontecer com as pessoas, tanto no âmbito físico-corpóreo quanto no psíquico. Os conflitos que surgem nesse período acarretam as atitudes mais variadas, muitas vezes tresloucadas, outras sensatas, mas sempre quem está “de fora” percebe que é um momento delicado pelo qual o indivíduo passa.

Muitas pessoas entram despreparadas para a segunda metade da vida, supondo que suas verdades e ideais continuarão como antes.

“Não podemos viver a tarde de nossa vida segundo o programa da manhã, porque aquilo que era muito na manhã será pouco na tarde, e o que era verdadeiro de manhã será falso ao entardecer”. (JUNG, 1984, p. 348).

O homem que envelhece deveria ocupar-se de si o mais e o melhor possível, isto é, dedicar mais atenção ao seu *self* (si – mesmo), o que na juventude poderia ser um erro.

É nas profundezas da alma, aqui utilizada como um nome metafórico de psique que se encontram os tesouros que vêm à tona neste momento da vida. O indivíduo deve tentar compreender o que sua vida psicológica mais interior está lhe solicitando.

Depois de esbanjar luz e calor sobre o mundo, o sol recolhe os seus raios para iluminar-se a si-mesmo, diz Jung. Dessa forma a tarde da vida humana deve também ter seu significado e não ficar apenas relegada a um apêndice da manhã da vida.

É neste momento que Jung deixa mais clara sua concepção da dialética entre natureza e cultura na psique humana: O significado da manhã consiste no desenvolvimento do indivíduo, em sua fixação e na propagação de sua espécie no mundo exterior, e no cuidado com a prole. É esta a finalidade manifesta da natureza.

O significado da tarde consiste na busca do indivíduo por seguir seu caminho interior.

Para Jung o indivíduo deveria olhar para a morte como uma meta da qual não se deve esquecer, o que privaria a segunda metade da vida de seu sentido e objetivo.

Enfatiza que o ser humano deve viver distintamente as fases de sua vida, para saber envelhecer e aproveitar melhor a fase introspectiva. Denuncia que o mundo privilegia a extroversão propiciando pouca importância à vida introvertida.

Tudo o que diz respeito a isso é tomado como estado depressivo ou melancólico, corroborando a atitude de não se estimular os velhos a olharem para dentro de si mais do que um mínimo necessário.

Surgem então as tentativas de mergulharem os velhos em cursos da terceira idade, em viagens para estações termais, etc. Sem invalidar essas ações seria bom garantir ao idoso o direito ao declínio que o sol solicita, não no sentido de depressão, mas sim no que diz respeito ao retorno para o mundo interior.

Cabe ressaltar a importância da simbologia de Jung no trabalho com arte-terapia. Considerando que o presente trabalho se propõe a fazer um relato de experiência que além da música utiliza o recurso simbólico não verbal da escultura com argila, para que a pessoa possa estabelecer contato com seus desejos, situações e fantasias é relevante a reflexão sobre o significado e sentido dos símbolos e suas associações com os elementos da natureza.

A palavra símbolo, symbolon, vem a partir do grego symbollo, possuindo várias interpretações:

- aquilo que, por um princípio de analogia, representa ou substitui, num determinado contexto, algo abstrato ou ausente. Aquilo que tem valor evocativo, mágico ou místico. Elemento gráfico ou objeto que representa e/ou indica forma convencional, um elemento importante para o esclarecimento ou a realização de alguma coisa; emblema, insígnia. Alegoria, comparação; metáfora. Idéia consciente que representa e encerra a significação de outra inconsciente.

O ser humano faz uso da palavra escrita ou falada para expressar o que deseja transmitir. Sua fala é repleta de símbolos, sinais ou imagens, altamente descritivos.

A história do simbolismo mostra que tudo pode ter uma significação simbólica, como por exemplo, objetos da natureza como pedras, plantas, homens,

animais, água, fogo, terra..., ou objetos feitos pelo homem como casa, carros, barcos, ou ainda formas abstratas como o número e também as figuras geométricas.

Com sua propensão para criar símbolos, o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos (conferindo-lhes assim, enorme importância psicológica) e lhes dá expressão, tanto na religião quanto nas artes visuais. A interligada história da religião e da arte que remonta os tempos pré-históricos, é o registro deixado por nossos antepassados dos símbolos que tiveram especial significação para eles e que, de alguma forma, os emocionaram. (JAFFÉ, 1964, p.230 – 271).

Segundo Jung, símbolo é um termo, um nome ou imagem, que pode nos ser familiar, com conotações especiais além do seu significado evidente e convencional, alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. Conhecemos o objeto, mas não sabemos suas implicações simbólicas. Uma palavra ou imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Essa palavra ou imagem tem um aspecto inconsciente mais amplo, que nunca é de todo explicado. E nem se pode defini-la ou explicá-la. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a idéias que estão fora do alcance da nossa razão. Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente. Esta é uma das razões porque todas as religiões empregam uma linguagem simbólica e se exprimem através de imagens. Contudo, este uso consciente dos símbolos é apenas um aspecto de um fato psicológico de grande importância: o homem também produz símbolos, inconsciente e espontaneamente.

Jung, em seus estudos sobre as simbologias traz em evidência os quatro elementos da natureza, o Fogo, a Água, o Ar, a Terra, os quais pesquisou profundamente em diferentes culturas, sejam orientais ou nas tradições judaico-cristãs, nas origens greco-romanas ou em povos primitivos.

O relato de experiência que será detalhado neste trabalho utilizou além da música, o diálogo com o elemento terra através da argila.

Com caráter sagrado, com papel maternal, a terra interfere na sociedade como garantia dos juramentos. Se o juramento é o elo vital do grupo, a terra é mãe e sustento de toda a sociedade.

O elemento terra tem uma simbologia importante.

Algumas tribos da África possuem o hábito de comer a terra, que tem como simbologia a identificação. Em identificação com a mãe, a terra tem a simbolização da fecundidade e da regeneração.

Existem enterros simbólicos, semelhantes à imersão batismal, seja para curar e fortalecer, seja para satisfazer a ritos iniciáticos.

A deusa Terra, segundo os astecas, apresenta dois aspectos opostos: é a Mãe que alimenta, permitindo viver de sua vegetação, mas por outro lado necessita dos mortos para alimento

A argila seria um mediador para a expressão associada ao elemento terra.

Todas as civilizações primitivas fizeram uso da argila (barro), para várias tarefas de seu cotidiano como conservar, cozinhar, fabricar utensílios, transportar caças, produtos de suas colheitas, além da fabricação de objetos de cerâmica.

Através das escavações e da descoberta de vestígios das civilizações passadas o homem contemporâneo pode estudar e conhecer dados de seus antepassados. Essa prática permite a constatação de que há 40.000 anos, o homem se utilizou da argila, executando suas representações da figura humana, antes mesmo das pinturas e desenhos nas cavernas.

Na mitologia, Prometeu – responsável pela criação do homem no mito da criação do mundo – utilizou-se do barro para modelar o homem à imagem e semelhança dos deuses e, assim, povoar a Terra. Trabalhou com paixão e arte, esculpindo uma multidão de estátuas. Por noites e noites, debruçou-se sobre o barro e deu-lhe forma a partir do modelo divino. Quando terminou, contemplou suas criaturas e sentiu que lhes faltava vida: insuflou-lhes a coragem do leão, a fidelidade do cavalo, a força do touro, a esperteza da raposa e a avidez do lobo. E a deusa Atená, que simboliza a espiritualização e as funções psíquicas sensatas, nascidas da visão ideal e da verdade suprema, desceu ao mundo e entregou aos homens o néctar divino que lhes deu a alma. E assim teve início a humanidade, e o homem povoou a Terra. (ALESSANDRINI, 1996).

A bíblia traz uma outra versão sobre a criação:

Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra, soprou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem se tornou ser vivo [...] então o Senhor Deus formou da terra todos os animais selvagens e todas as aves do céu, e os trouxe ao homem para ver como se chamaria; cada ser vivo teria o nome que o homem lhe desse. (GÊNESIS 2,7; 2,19).

As peças de barro elaboradas há séculos passados marcam a evolução das sociedades. Essas imagens permanecem através do tempo fiéis a sua construção, de como foram modeladas, cozidas, dando o seu registro da evolução do conhecimento do homem e sua existência nesse mundo.

A argila traz possibilidades interessantes, pois ao mexermos aleatoriamente no barro, nosso interno pode fluir e o inconsciente emergir, mesmo sem ter o objetivo de estar construindo algo pré-determinado.

A sensação de estar em contato com o barro pode ser extremamente gratificante. Acredito que, metaforicamente, pode-se viver tudo apenas mexendo nela, pois a argila age como transformadora, de um estado de desencontro para um estado de equilíbrio. Considero que, dessa forma, trabalho os coordenadores cognitivos, desde o nível mais primário até o nível complexo. (ALESSANDRINI, 1996).

A argila está ligada a nosso universo cotidiano. Ela é símbolo de nascimento, de vida, de morte. Por isso, nossos afetos nela se projetam muito mais espontaneamente que em qualquer outro material modelável tal como os materiais sintéticos. (PAIN & JARREAU, 1996).

Ao trabalhar com argila, a cada momento algo nasce e se transforma: assimilamos e acomodamos, pensamos e reelaboramos o pensamento, vamos de um lado para outro, e, trabalhamos a transformação do modo que queremos. Existe um modelo interno ou externo, mas o trabalho pertence ao indivíduo. É importante que o seu modelo interno direcione o seu fazer.

1.3 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA E DA ARTE-TERAPIA E DA MUSICOTERAPIA

Segundo Bossa (1994), a Psicopedagogia, como área de aplicação, antecede o status de área de estudos, a qual tem procurado sistematizar um corpo teórico próprio, definir o seu objeto de estudo, delimitar o seu campo de atuação, e para isso recorre à Psicologia, Psicanálise, Lingüística, Fonoaudiologia, Medicina e Pedagogia.

Segundo Fagali (2002, p. 3): “A Psicopedagogia é uma construção contemporânea, que nasce na fronteira entre a pedagogia e a psicologia, diferenciando-se destas origens, em busca de sua própria identidade.”

A Psicopedagogia no campo de atuação clínico tem como objetivos promover a reelaboração do processo de aprendizagem do sujeito e/ou grupo que apresenta dificuldades, possibilitando o resgate do poder de simbolizar, criar e reagir ativamente na construção do conhecimento, através de um trabalho expressivo e criativo.

A abordagem psicopedagógica proposta por este trabalho reafirma a importância da autoria do sujeito, como caminho para a autodescoberta, para a valorização de si mesmo e para a conquista da autonomia.

É importante ressaltar a concepção do termo “sujeito autor” para Fernandez (2001, p. 60): “Um sujeito constitui-se como autor (processo que é contínuo, nunca acabado e iniciado antes do nascimento) a partir da modalidade entre seus posicionamentos ensinantes e aprendentes”. Para a autora, a constituição do sujeito autor acontece ao longo da construção da história pessoal de cada um. Esta articulação fica evidente quando a mesma refere-se ao sujeito autor como sujeito autobiográfico, ou seja, protagonista da própria história:

Necessitamos de um modo diferente de analisar a relação entre futuro e passado para entender o que acontece em todo processo de aprendizagem. Aprender é construir espaços de autoria e simultaneamente, é um modo de ressituar-se diante do passado.(FERNANDEZ, 2001, p. 69)

A criação de espaços de autoria podem contribuir para o acolhimento da peculiaridade do indivíduo, através da qual surge a possibilidade do viver criativo, que reforça o valor pessoal, o sentimento de autoestima e a reconquista de um lugar identitário.

O sujeito autor é o sujeito que aprende, sonha, resignifica os acontecimentos do passado, situa-se no presente e projeta-se num futuro.

Partindo do princípio que a velhice pode ser encarada como uma etapa do contínuo desenvolvimento humano, na qual há possibilidade da reestruturação e manutenção da identidade, este trabalho considera a intervenção psicopedagógica um meio através do qual o idoso pode se expressar, entrando em contato com suas necessidades, seus sentimentos, medos, desejos que fazem parte de sua história.

É uma intervenção que nasce da necessidade de encontrar diferentes formas para o indivíduo caminhar, considerando-o como um sujeito criador, com

capacidade de transformar a si próprio, na busca de novas formas de ser, de se auto perceber e de ver o mundo.

Nessa abordagem psicopedagógica, o indivíduo se constrói na relação com o outro, buscando novas maneiras de ser e de conhecer, usando as múltiplas linguagens expressivas. Assim, para o psicopedagogo, é de grande relevância a valorização do processo expressivo do sujeito, considerando não apenas a linguagem verbal, como também a não verbal, e as diferentes expressões, na busca da espontaneidade e da criação. Para tanto é preciso que haja a valorização da arte no desenvolvimento do indivíduo, nas suas diferentes dimensões, possibilitando a expressão de suas emoções e desejos.

Esse olhar psicopedagógico busca na arte a possibilidade de se criar condições do aprender que possibilitem o autoconhecimento, o diálogo com seus medos, seus sentimentos, seus limites e impotência. Nesse sentido, a arte tem o poder de “Cura”. Para isso, há uma área de estudo e prática de ajuda que se aprofunda nessa questão: “A Arte como mediação terapêutica”.

A atividade artística assume um caráter libertador: É relaxar o racional e mergulhar no inconsciente sem restrição. É ouvir a voz do coração. É aprender a confiar no processo criativo. É deixar o inconsciente dirigir e confiar nele. (BELLO, 1996, p.67)

A expressão artística dá ao homem um estado para que mantenha uma relação de aprendizagem diferente com seu semelhante e com o mundo em que vive.

A Arte-terapia tem ajudado muitos profissionais da saúde e da educação nas tarefas de compreensão e elaboração de alguns dos conteúdos emocionais que, presentes em todas as etapas da vida, ganham contornos singulares na velhice. O que tipifica a Arte-terapia é que ela oferece subsídios para que os sujeitos desenvolvam, durante o processo, um olhar que permita a adoção de novas posturas e a resignificação mais gratificante.

Não são poucos os pesquisadores que postulam que a expressão artística, dentre outras possibilidades, pode levar indivíduos de diferentes idades a se perceberem com mais propriedade no “aqui e agora”.

Por tratar-se de uma área construída no diálogo entre duas formas de conhecimento – Arte e Ciência – deve, quer como prática quer por seus pressupostos teóricos, passar pelo crivo de uma reflexão mais substantiva e de uma

investigação voltada para a confirmação, ou não, de seu lugar e do papel que desempenha no processo de resignificação da vida dos idosos.

O paradigma educacional da sociedade contemporânea ocidental conduz as pessoas a um crescimento segundo os padrões e critérios que, socialmente estabelecidos, as levam a perder desde muito cedo a sede de criar. O indivíduo vai pouco a pouco se afastando de sua criatividade, de sua sensibilidade. Conforme vai crescendo, anseia cada vez mais pela aprovação do outro, como se a mesma fosse condição para uma vida melhor, saudável e criativa.

A arte contribui para o processo de reconstrução de vida. Através do desenho, da escultura, da pintura, da música e de tantos outros elementos, imagens e símbolos são criados ao longo do processo, contribuindo para a revelação do sujeito.

Na definição da American Art Therapy Association (AATA), fundada em 1969:

Arte-terapia é uma profissão assistencial ao ser humano. Ela oferece oportunidades de exploração de problemas e de potencialidades pessoais por meio da expressão verbal e não verbal e do desenvolvimento de recursos físicos, cognitivos e emocionais, bem como a aprendizagem de habilidades, por meio de experiências terapêuticas com linguagens artísticas variadas. O uso da arte como terapia implica que o processo criativo pode ser um meio tanto de reconciliar conflitos emocionais, como de facilitar a auto percepção e o desenvolvimento pessoal. (American Art Therapy Association, Boletim Informativo, 199, *apud* CARVALHO, 1995, p.24)

As dificuldades de conceituação de arte terapia são ainda muito grandes, a começar pelo próprio nome. Alguns autores preferem usar a expressão “terapias expressivas”.

O foco de interesse deste trabalho de pesquisa é investigar as contribuições da Arte-terapia no processo de envelhecimento, como ação que pode beneficiar os idosos na superação de obstáculos e ajudá-los a valorizar seus processos pessoais.

A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado íntegro, total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. (FISCHER, 1981, p.57)

Nesse sentido o valor da arte fica explícito, como meio de reinserção da pessoa que no viver criativo refaz seu lugar, constituindo-se a si mesmo.

Considero o estudo da arte parte indispensável ao aprendizado do homem. A capacidade de relacionar-se artisticamente com a vida não é privilégio de alguns indivíduos especialmente dotados, mas de todos aqueles que se podem relacionar com o mundo, observando e aprendendo seu significado [...] pensar criativamente é trabalhar a partir do que há de mais nobre em uma pessoa. É a fecundação. A cada minuto algo nasce e se transforma. O pensamento emerge e precisa ser refeito, reelaborado. Comparamos, estabelecemos relações, discriminamos, definimos para poder transformar; para poder re-ver todo aquele caminho, sentido e experienciado em um nível energético delicado e especial. 'É o trabalho de aperfeiçoamento e de tematização de conteúdos expressos simbolicamente'. (ALESSANDRINI, 1996).

A oficina criativa no trabalho psicopedagógico é aberta para o atendimento individual ou grupal e segundo Fagali (1997) e Alessandrini (1996), constitui-se de etapas, onde o indivíduo expressa de modo criativo uma imagem interna por meio de uma experiência artística, para organizar o conhecimento intrínseco a esse fazer expressivo.

Na clínica psicopedagógica trabalha-se com o pensamento e a emoção, buscando atividades que aliviem as tensões que impedem a construção do sujeito autor. O enfoque é o fortalecimento interno do indivíduo, dando espaço para que se concretize a expressão de uma imagem interna.

O trabalho, por meio de recurso expressivo e artístico, possibilita ao indivíduo concretizar sua imagem interna de modo significativo. Há uma disponibilidade nova diferenciada que emerge do ser e que canaliza seus recursos cognitivos internos para um refazer transformados. Os conteúdos que se apresentam estão intimamente ligados à experiência já vivida pelo sujeito e possuem um papel simbólico importante. (ALESSANDRINI, 1996)

No processo de Arte-terapia, encoraja-se o indivíduo a usar a capacidade de selecionar, escolher, organizar e sintetizar. Procura-se promover o desenvolvimento da habilidade de observação: o olhar e refletir sobre o processo e os trabalhos. Assim, espera-se que o sujeito aprenda a transpor esses processos para sua vida.

A oficina criativa começa com a sensibilização, composta por exercícios lúdicos, atividades corporais, sob observação dirigida ou sugerida, utilizando-se as construções do imaginário e objetivando o vínculo do sujeito com a situação.

Segundo Fagali (1987):

[...] na prática da sensibilização alguns aspectos do ponto de vista metodológico e psicológico devem ser considerados:

1. Proporcionar a integração das sensações não se apoiando apenas em um canal sensorial. O indivíduo é um todo e o contato com o mundo se dá pelas inter-relações sensoriais emocionais e intelectuais;
2. Possibilitar a observação de estímulos dinâmicos, isto é, que se apresentam em movimento possibilitando uma percepção não estática dos elementos do meio. Este dinamismo não implica apenas no movimento externo do estímulo e sim numa dinâmica interna. O sujeito pode observar um objeto aparentemente estático de uma forma dinâmica e não passiva;
3. Favorecer, nas situações de sensibilização, experiências que dêem vazão às várias formas de comunicação com o mundo, à introversão e à extroversão, para que possamos respeitar o indivíduo no seu estilo próprio de comunicação, sem deixar de desenvolver o movimento oposto, proporcionando a relativa equilíbrio do homem;
4. Refere-se à natureza do estímulo ou objeto de percepção nas metodologias de sensibilização podemos enfocar a contemplação de um elemento presente no meio, ou um conteúdo ou imagem que emergem dos sentimentos e elaborações do indivíduo. A sensibilização no processo de aprendizagem nos garante uma leitura do mundo em que integramos as nossas necessidades, sensações e emoções com as próprias informações advindas do meio.

Todas as pessoas podem se beneficiar do processo de Arte-terapia, que oferece a possibilidade de livre expressão, de forma natural e intuitiva, disponibilizando oportunidades de autoconhecimento, de transformação e da descoberta de novos caminhos que possam conduzir o indivíduo ao encontro de si mesmo.

O trabalho com Arte-terapia não visa o talento artístico. Não se trata do ensino de artes, nem existe uma conotação do valor artístico. O processo consiste na orientação do paciente acerca do uso dos materiais. Objetiva-se que o indivíduo

se solte e deixe fluir sua espontaneidade. São utilizados os mesmos materiais das artes plásticas, como: tintas, diversos tipos de papel, lápis, canetas, argila, carvão, etc. Outras formas de expressão artística podem ser utilizadas: o corpo, a voz, a dramatização e a literatura.

No artigo *Oficinas Integrativas Musicoterapia, Arte-Terapia, Literatura*, da autora Fagali (1997,1998), há o relato de como as integrações das diferentes artes: música, artes visuais, trabalho corporal e cênico e literatura podem facilitar o contato criativo da criança, do adolescente, do adulto e dos idosos na relação consigo mesmos e com suas vidas.

O trabalho de oficinas, através de constates releituras e resignificações, foi se fortalecendo no curso de sua história como processo terapêutico. Essa consciência foi sendo adquirida segundo as concepções da abordagem fenomenológica-gestáltica, as reflexões de C. Jung e as praxis da Arte-Terapia e Musicoterapia.

É considerado um trabalho terapêutico, pela sua própria natureza criativa, onde, possibilita uma contínua reconstrução do ser. É terapêutico ao atender a própria demanda de indivíduos que buscam as oficinas, no sentido de superação dos conflitos e dos sofrimentos diante das limitações e paralisações. Em vista desta demanda, a intervenção nas oficinas consiste em possibilitar a reestruturação do indivíduo como um todo, com seus desejos, sentimentos e capacidades. O processo criativo, o imaginário e o sensorial convidam estas pessoas para a auto-realização.

O trabalho, por meio de recurso expressivo e artístico possibilita ao indivíduo concretizar sua imagem interna de modo significativo. Há uma disponibilidade nova diferenciada que emerge do ser e que canaliza seus recursos cognitivos internos para uma refazer transformado. Os conteúdos que se apresentam estão intimamente ligados à experiência já vivida pelo sujeito e possuem um papel simbólico importante. (ALESSANDRINI, 1996).

Este relato de experiência tem como proposta revelar as condições utilizadas na intervenção psicopedagógica mediada pela Arte-terapia e pela Musicoterapia que possibilitem ao idoso o resgate, a resignificação e a reconstrução de sua identidade.

A música está presente ao longo de toda a existência humana, sendo impossível estabelecer seu início na história, porém, o historiadores reconhecem sua

presença desde a pré-história, onde o homem se encantava com a descoberta dos sons da própria natureza.

No decorrer da história das civilizações, na Antiguidade, no Império Romano, na Idade Média, no Renascimento, no Período Barroco, no Período Clássico, no Romantismo até a Contemporaneidade, a música tem sido uma linguagem expressiva e universal, presente em cada indivíduo desde a vida intra uterina.

Os próprios sons do corpo da mãe constituem a primeira melodia reconhecida pelo ser humano.

Existe uma multiplicidade de definições sobre Musicoterapia, em decorrência dos diferentes estágios de formação e identidade de cada país, ou de cada associação.

Segundo Baratella (2008, p. 77):

Em seus primeiros tempos, a musicoterapia era definida como uma técnica não verbal, mas atualmente existe uma grande aceitação da atuação verbal no processo terapêutico. Na musicoterapia usamos além do discurso verbal, as experiências sonoras e musicais. Portanto, a musicoterapia pode ser definida como um método de tratamento das desordens psicológicas ou corporais por meio da música e do som.

A música aparece muito fortemente na obra de Winnicott, em particular “O Brincar e a Realidade” (1975), na qual ele considerava a possibilidade dos sons corporais da mãe como, batimento cardíaco, respiração, ruídos digestivos e voz, serem fenômenos percebidos e registrados pelo feto.

Essa teoria foi comprovada por Alfred Tomatis: “A nutrição vocal que a mãe provê é tão importante quanto seu leite para o desenvolvimento da criança”. (CAMPBELL, 2001, p.23).

Também numa perspectiva winnicottiana existe a postulação a respeito do espaço transicional, que pode reconhecer a música como uma ponte entre o mundo interno, pessoal, e o mundo externo, compartilhado com outras pessoas. Para Bogomeletz (2006), “*a música é a ponte que leva ao eu mais profundo e verdadeiro*”. (p.33)

Muito além da diversão, do prazer de tocar, ouvir ou movimentar-se, as sessões de musicoterapia constituem uma proposta de mudança, de enfrentamento de situações novas e do encontro com o si-mesmo.

O brincar faz parte do processo de musicoterapia e as idéias de Winnicott sobre a criatividade e o terceiro espaço são de grande valia para a fundamentação desse processo.

Melanie Klein (1997) reconheceu a gravidade da neurose através da diminuição da capacidade lúdica da criança. A personalidade da criança estaria comprometida quando sua dificuldade, ou mesmo incapacidade, de brincar com o material oferecido fosse demonstrada.

Neste caso específico as técnicas usadas nas sessões de musicoterapia, direcionadas para a abertura de canais de comunicação, poderiam contribuir para mobilizar as estruturas defensivas da criança, devolvendo sua capacidade criativa e sua espontaneidade.

Um dos objetivos da musicoterapia é estimular o crescimento emocional, afetivo, relacional e social da pessoa, por meio da utilização de sons, movimentos e expressão corporal como forma de comunicação e de expressão. Por essas razões ela é indicada para indivíduos de todas as idades que apresentem graus de dificuldade ou mesmo impossibilidade de expressão pela via oral. A musicoterapia apresenta grande eficácia em trabalhos terapêuticos com idosos, auxiliando o gerenciamento de ansiedade e estresse, abrindo um canal de comunicação, resgatando a história de vida e promovendo a constituição do si-mesmo.

Todas as pessoas possuem uma identidade sonora, que as distinguem umas das outras, forjadas ao longo da experiências da vida, de forma dinâmica, alterada de acordo com as circunstâncias.

Essa identidade é formada por experiências pessoais, grupais e culturais.

Benenson (1988, p.33-40), distingue vários tipos de ISO (Gestáltico, Cultural, Grupal, Universal, complementário).

O ISO Gestáltico é o que caracteriza o indivíduo, o complementar o que corresponde à circunstância ambiental e dinâmica. O ISO Grupal é o que se estabelece em grupo terapêutico, mas sempre considerando os ISOS individuais. O cultural é o que depende da cultura em que fomos criados e o universal é o mais natural da espécie e que nos distingue enquanto seres humanos.

Na questão do processo terapêutico, o trabalho é dirigido para a criação de canais de comunicação, por meio da identidade sonora do indivíduo. A partir do histórico musical do paciente o musicoterapeuta pode identificar as ligações sonoras significativas na vivência do paciente e, com a colaboração do mesmo escolher qual

é o repertório e a experiência musical que poderá atender às necessidades do mesmo. As sessões podem ser compostas por música passiva (só audição) ou de interação, com a utilização de instrumentos musicais e canto.

No que se refere ao trabalho com idosos, a musicoterapia pode ser um importante recurso para ativar áreas cerebrais ligadas à capacidade cognitiva e ao resgate da memória.

Falar sobre música e cérebro é criar um diálogo sobre relações fisiológicas, comportamentais, afetivas e psíquicas entre dois sistemas complexos, autônomos e interdependentes que eles representam.

Uma das justificativas para o uso de música como terapia é que tanto o corpo físico como psíquico, demonstram alterações significativas quando em contato com estímulos sonoros.

Nas últimas décadas, estudos relevantes na área da neurociência e da biopsicologia, estão sendo realizados com o objetivo de compreender os meios pelos quais o cérebro humano processa, armazena e produz música. A organização neural para a música e o comportamento musical humano têm sido alvo de inúmeras discussões nas áreas da neurociência e da arte musical.

Muitas músicas, especialmente algumas músicas clássicas provocam reações como lágrimas nos olhos, evocação de memórias, alteração na frequência cardíaca, sensação de relaxamento corporal ou de paz e de reequilíbrio espiritual.

Algumas das descobertas da neurociência comprovam que, quando a audição de uma determinada música provoca sensação de relaxamento, alegria e prazer as regiões do cérebro que são ativadas são as mesmas associadas ao prazer e bem estar.

A discussão entre os cientistas é intensa quanto à questão da existência ou não de módulos neurais específicos para a música, ou se essa função é compartilhada por outras áreas. O mais surpreendente é a recente descoberta de que a percepção musical não é resultado da resposta de uma área específica do cérebro, mas sim, o resultado do trabalho simultâneo de uma grande quantidade de sistemas neurológicos.

1.4 MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA

Não é raro o discurso de que os velhos são todos iguais e esse determinismo acaba por estereotipar essa parcela da sociedade, atribuindo-lhes características que os depreciam e generalizam.

Este fato acontece porque as pessoas tendem a homogeneizar a velhice, como se essa etapa da vida fosse igual para todos.

O processo de envelhecimento é único e depende da subjetividade de cada um. Cada indivíduo tem uma imagem de idoso que antecede a própria velhice, constituída a partir de suas experiências de vida. A velhice é uma totalidade complexa e constitui-se em meio a uma multiplicidade de fatores, aspectos e acontecimentos que precisam ser analisados dentro de um determinado contexto.

O envelhecimento faz parte do viver e desencadeia-se a partir do nascimento, acompanhando o indivíduo até a morte.

O envelhecer é construído ao longo da vida, por meio de hábitos, costumes, condições sociais, econômicas, psicológicas, para além das determinações genéticas e biológicas.

Apesar das perdas, afastamento e distanciamento de papéis sociais, o idoso pode descobrir a velhice como um horizonte de possibilidades, pois ao longo de toda a evolução da humanidade, criaram-se mitos com relação ao envelhecer, os quais podem ser questionados e derrubados.

Um desses mitos se refere à suposição de que os velhos não aprendem mais nada, não transformam sua maneira de pensar, apegando-se a valores antigos.

A gerontologia mostra que os idosos não só aprendem como são capazes de modificar concepções e comportamentos, sendo, portanto, passíveis de mudanças.

No entanto, cada pessoa atribui um significado à velhice construído subjetivamente e que influi diretamente sobre as relações e comportamentos desta faixa etária.

Por mais que existam condições para apoiar o desenvolvimento do idoso, conferindo-lhe o status social de reconhecimento que todos os indivíduos merecem ter, se mesmo assim, houver por parte do velho a cristalização de seu papel como aquele que já viveu o que tinha pra viver, que só lhe resta esperar a morte e que a

velhice é o deserto de sua existência, pouco se poderá contribuir para uma vida autêntica e um pleno existir.

Talvez um trabalho que contribua para a resignificação da identidade, que reavalie as possibilidades do viver a velhice, possa transformar mentes e atitudes.

A sociedade atual considera o erro uma fraqueza e impõe aos indivíduos a obrigação de acertar e de permanecer forte. Dos velhos espera-se infinita tolerância, perdão, ou abnegação servil pela família. Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados aos idosos e podem ser o início de seu banimento do grupo familiar e social.

Já em outras sociedades os idosos ocupam um lugar de honra, tendo seu valor exaltado por todos, como mostra Bosi (2004, p.76-77):

Uma lenda balinesa fala de um longínquo lugar, nas montanhas, onde outrora se sacrificavam os velhos. Com o tempo não restou nenhum avô que contasse as tradições para os netos. A lembrança das tradições se perdeu. Um dia quiseram construir um salão de paredes de troncos para a sede do Conselho. Diante dos troncos abatidos e já desganhados os construtores viram-se perplexos. Quem diria onde estava a base para ser enterrada e o alto que servia de apoio para o teto? Nenhum deles poderia responder: há muitos anos não se levantavam construções de grande porte, e eles tinham perdido a experiência. Um velho, que havia sido escondido pelo neto, aparece e ensina a comunidade a distinguir a base e o cimo dos troncos. Nunca mais um velho foi sacrificado.

A narrativa desta lenda mostra claramente que a velhice é uma categoria social e que cabe à sociedade com um todo reavaliar o significado e o valor atribuído ao ser que envelhece. O próprio idoso precisa ter oportunidade de pensar e resignificar a velhice, objetivando o viver criativo, no qual a vida psíquica segue seu curso no processo de amadurecimento.

A privação de estímulos psíquicos pode ocasionar um afastamento de interesses vitais, o que potencializa a ocorrência de pseudodemências, que são muito mais resultantes da realidade na qual o idoso está inserido do que propriamente manifestações patológicas. Neste contexto o despojamento psíquico é precedido por um despojamento social, muitas vezes provocado pelo próprio idoso, que carrega consigo uma representação da velhice relacionada ao isolamento, ao não pertencimento e ao vazio existencial.

Esta constatação ressalta a importância da discriminação entre senilidade, que é um fenômeno patológico, e senescência, que é um estado normal do ciclo de vida.

Além disso, o idoso convive com um estatuto imposto socialmente acerca do que representa a velhice, sobre o qual constrói uma concepção de velho fundada no estigma.

O reconhecimento do valor dos velhos depende do reconhecimento do valor do ser humano, em toda a sua pluridimensionalidade, em toda a sua complexidade.

As trajetórias pessoais dos mais velhos constituem um terreno repleto de riquezas a serem garimpadas na intenção de resgatar o valor de cada um, fortalecendo o sentimento de identidade, que muitas vezes encontra-se enfraquecido durante a velhice.

A lembrança é a sobrevivência do passado, que conservada no espírito de cada ser humano aflora à consciência na forma de imagens.

O vínculo com outra época, o reconhecimento de ter suportado e compreendido muita coisa, traz para o indivíduo o desejo de mostrar sua competência.

Através da atenção do outro, da agradável sensação de ser ouvido o idoso sente-se estimulado a partilhar fatos tão especiais para ele. Encontrando ressonância em seu discurso, encontra uma nova finalidade na vida.

Neste contexto, os relatos de história de vida possibilitam o contato com um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que contribuem para o entendimento e a humanização do presente.

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda, repassada de nostalgia, semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual.

A experiência e a memória dos idosos contribuem para a preservação da cultura, transmitindo as tradições, conhecimentos e sabedoria para as crianças e a coletividade. Além disso, suas histórias servem de estímulo para a sobrevivência e a preservação cultural. Estudiosos e interessados em analisar os diferentes significados da memória também falam sobre ela:

Memória é a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizagem [...] A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação [...] somos aquilo que recordamos. Não podemos fazer, nem comunicar nada que desconheçamos, isto é, nada que não esteja gravado na memória. (IZQUIERDO, 2002, p.9).

A função da memória determina quem são as pessoas, de onde vieram, o grupo ao qual pertencem, as decisões que tomaram e os comportamentos que emitiram ou emitirão. A lembrança das vivências constitui parte crucial da identidade dos indivíduos, ao passo que a memória coletiva os constitui enquanto grupo. A maioria daquilo que se chama de memória se forma e pode se extinguir em algum momento da vida e sua permanência depende de uma ampla série de fatores reguladores como emoção, atenção, consciência, estado de ânimo e até mesmo auto-imagem.

A memória não só permite que eventos do passado sejam avaliados, como também possibilita que acontecimentos futuros sejam planejados e processados com antecipação para evitar danos ou perdas ao indivíduo. Portanto, é um processo que influi profundamente na aprendizagem, contribuindo para a compreensão de fatos cotidianos a partir das experiências do passado. Engloba a história, o passado, as características pessoais, os medos e os anseios do ser humano. Estes fatos tornam sua compreensão necessária para o entendimento dos processos da cognição, ao lado da compreensão da importância das emoções.

A primeira memória autobiográfica de que se tem notícia foi escrita por Santo Agostinho (354-430), o qual relata que as lembranças são o “palácio” que ele visitava para debruçar-se sobre sua experiência pessoal, encontrando-se consigo mesmo. Hoje em dia as concepções acerca de memória estão a serviço da manutenção da capacidade cognitiva do indivíduo: “Atualmente a memória autobiográfica é um campo de estudos de desenvolvimento da psicologia cognitiva, definida como a capacidade de recordar eventos pessoais”. (BREWER, 1996).

A memória autobiográfica está relacionada ao sistema neuropsicológico composto pelos processos cognitivos e seus correlatos anatomofisiológicos que permitem ao indivíduo lembrar o seu próprio passado.

Pode também ser entendida como as representações de eventos da história particular de cada um, que podem ser recuperadas, decodificadas, relatadas

ou mesmo retidas. Essas representações podem ser compartilhadas na medida em que forem comunicadas através da linguagem.

Cabe ressaltar que do ponto de vista do desenvolvimento da identidade pessoal, eventos marcantes são marcos determinantes da organização da história de vida do indivíduo a se autodefinir, se reconhecer na sua própria experiência e a se expressar a respeito de sua trajetória singular.

É importante lembrar que a velhice acarreta muitas vezes limitações físicas, as quais podem tornar a comunicação verbal deficitária, o que sinaliza uma necessidade da utilização de técnicas criativas, as quais permitam o emergir das lembranças por diferentes vias de linguagem como a música, o desenho, a escultura, a fotografia, a poesia e outras abordagens.

Este trabalho se propõe a estudar e experimentar as contribuições da Arte-Terapia como meio viabilizador do processo de reconstrução da identidade do idoso, dentro da intervenção psicopedagógica, objetivando o resgate e manutenção da capacidade cognitiva e de autoria do sujeito.

Reconhece que a memória se constitui num movimento pendular entre a subjetividade e a objetividade, o qual delimita os contornos da singularidade de cada pessoa, como retrata a seguinte afirmação: “Antes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança vive em estado latente, potencial [...] o convívio de inconsciente e consciente é ora tenso, ora distenso, no caso do passado alargar o presente”. (BOSI, 2004, p.52).

Cabe ressaltar que o presente trabalho defende que através do resgate de suas memórias o idoso tem a possibilidade de projetar um tempo futuro, que reavive a existência de um ser desejante, capaz de imprimir sua marca pessoal no aqui e agora:

O direito ao passado, à possibilidade de lembrar, o direito à memória, faz de cada indivíduo – no presente caso, o idoso – um historiador de si mesmo. É na condição de historiador de si mesmo, de ser um trabalhador da memória que o idoso pode reinventar pelo desejo o seu presente e futuro, e que o transforma, assim, em sujeito de seu próprio destino. (MERCADANTE, 1997, p.40)

Esta proposta de trabalho baseia-se na convicção de que existe a possibilidade de viver a velhice como uma época de viver criativo, orientando-se a partir das fundamentações de Winnicott (1999, p.28): “No viver criativo, tanto você

como eu descobrimos que tudo aquilo que fazemos fortalece o sentimento de que estamos vivos, de que somos nós mesmos. Uma pessoa pode olhar para uma árvore e fazê-lo criativamente”

Winnicott aponta para uma criatividade passível de ser exercida a qualquer momento, nas mais simples atividades cotidianas. O exercício de olhar uma árvore pode ser criativo e deste modo expressar algo pessoal do sujeito e garantir a ele um sentimento de que ele “é”.

Apesar da criatividade poder ser exercida a qualquer momento, inclusive de maneira secreta e silenciosa, o indivíduo depende de um sentimento de confiança em si-mesmo e no mundo, para que possa ser surpreendido por ela.

Estas experiências são garantidas nos primórdios da relação mãe-bebê. Para que se possa confiar na própria criatividade, é necessário que alguém o tenha feito antes.

Em contrapartida a este modo de viver, existe outro que revela menos a capacidade criativa do sujeito e mais sua adequação ao ambiente. O adulto incapaz de criar seu mundo está mais próximo da adequação do que da criação.

Quando as falhas ambientais impedem o sujeito de experimentar a vida de modo criativo, ele mesmo assume as funções protetoras (no início uma função materna), através do falso *self*, e protege o verdadeiro *self* de futuras ofensas. O ambiente é visto como um lugar incapaz de acolher sua criatividade, não confiável para a expressão de seus impulsos pessoais. Quanto maior a cisão dessas instâncias, verdadeiro e falso *self*, menor a saúde do sujeito, pois há menos possibilidade de atender às expectativas sociais sem perder seus impulsos pessoais. A saúde, portanto, pode ser compreendida como um estado de equilíbrio e interação entre as instâncias criativas e protetoras: “Digamos que um homem ou uma mulher saudáveis sejam capazes de alcançar uma certa identificação com a sociedade sem perder muito de seus impulsos individuais ou pessoais” (Winnicott, 2005, p. 9).

Winnicott afirma que somos desafiados a criar a maneira mais própria de viver, pois só assim poderemos viver com o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida. Destaca a importância do sentimento de existência, garantindo ao sujeito uma posição básica a partir da qual operar:

Para ser criativa, uma pessoa tem que existir, e ter um sentimento de existência não na forma de uma percepção consciente, mas como uma posição básica a partir da qual operar. Em consequência, a criatividade é o fazer que, gerado a partir do ser, indica que aquele que *é está vivo*. Pode ser que o impulso esteja em repouso; mas, quando a palavra “fazer” pode ser usada com propriedade, já existe criatividade. (WINNICOTT, 2005, p. 23).

As reflexões surgidas a partir dessas concepções reforçam a crença de que ações voltadas ao exercício da capacidade criativa dos idosos podem ser benéficas no sentido de possibilitar a constituição do si-mesmo. A criatividade é possível a partir da capacidade da experiência de confiança, garantindo ao sujeito um sentimento de existência. Assim, pode criar e usufruir de seu espaço potencial e dele extrair o sentido do viver:

É através da apercepção criativa, mais do que qualquer coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um sentimento de submissão com a realidade externa em que o mundo...é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação. A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à idéia de que não vale a pena viver a vida...De uma ou de outra forma nossa teoria inclui a crença de que viver criativamente constitui um estado saudável, e de que a submissão é uma base doentia para a vida. (WINNICOTT, 1975, p. 95).

Da relação primordial, bastante enfatizada por Winnicott, é criado o espaço potencial, um espaço entre a mãe e o bebê, que devido à confiança permite ao bebê, a partir do repouso, agir. A confiança no ambiente, e por isso em sua própria criatividade, inicia o sujeito num status unitário, num self – EU SOU. A separação eu / não eu, o fortalecimento de um senso de si-mesmo dá sentido à atividade criativa. Assim, a partir do EU SOU, o EU FAÇO ganha sentido.

O brincar adulto, o viver criativo, deve ser compreendido como a continuidade da capacidade de brincar na criança mantida e inserida, relativizada, adequada à vida adulta. O adulto tem à mão outros recursos, tal como a música, as artes e ciências. Winnicott é claro no seguinte comentário:

Em outras palavras, havendo saúde, não há separação, pois na área de espaço-tempo entre a criança e a mãe, a criança (e, portanto, o adulto) vive criativamente, fazendo uso do material disponível. Pode ser um pedaço de madeira, ou um dos últimos quartetos de Beethoven! Isso representa um desenvolvimento do conceito de fenômenos transicionais. (WINNICOTT, 2005, p.20).

Podemos entender, com Winnicott, a vida humana como o processo de desenvolvimento que se inicia na fase de dependência absoluta e se dirige à independência, à autonomia. “A maturidade individual implica movimento em direção à independência, mas não existe essa coisa chamada ‘independência’.” (WINNICOTT, 2005, p. 3). A dependência absoluta pode ser relativamente “abandonada” por causa de uma relação de confiança que possibilitou ao bebê introjetar uma mãe boa e assim criar um substituto a ela: o objeto transicional. O início do eu diferenciado que com o passar do tempo adquire cada vez mais autonomia ocorre no espaço potencial. A autonomia é conquistada, aos poucos, e nunca completamente, pela confiança que o indivíduo pode experimentar nos seus impulsos criadores, ou seja, nele mesmo. Mas para que uma pessoa possa confiar nos seus gestos espontâneos, foi necessário um outro que confiasse antes. Sem a garantia desta experiência de confiança não há brincadeira, a vida deixa de fazer sentido próprio. Desta maneira o ser possibilita o fazer. E o fazer dá sentido ao ser.

Se as condições não foram as necessárias no início da vida, de modo a impossibilitar a vivência deste sentimento de confiança em relação ao ambiente, o desenvolvimento do sujeito será afetado em sua capacidade de brincar e no sentimento que a vida vale a pena ser vivida (entendidos como a mesma coisa). Nos casos de falhas ambientais não há possibilidade de erigir um brincar espontâneo, fruto da própria criatividade do indivíduo.

A teoria Winnicottiana pode ser considerada uma teoria do amadurecimento, em que cada fase garante ao indivíduo determinadas experiências, e é a sucessão destas experiências que determinam a posição do sujeito, sua possibilidade de brincar, de viver criativamente e experimentar a vida de maneira pessoal. Este processo, que se inicia no espaço potencial entre o bebê e sua mãe, se dá ao longo da vida e se alastra por todas as áreas de experiência cultural do adulto. Vivemos na eterna fase de transicionalidade, a fase de integração do *self* a partir de nossa criatividade. Assim, o brincar pode ser compreendido como o caminhar, o viver entre a dependência absoluta e a independência relativa.

O brincar que Winnicott nos sugere é o viver criativo que muitas vezes precisa ser conquistado. É ele que pode devolver à pessoa a capacidade, a potência de brincar. O viver, portanto, só faz sentido com o brincar e o brincar dá sentido ao viver.

2. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rosa (nome fictício) é uma mulher de 86 anos de idade, viúva, mãe e avó extremada. Sempre teve uma personalidade forte e cativante, contagiando a todos com sua positividade e alegria de viver. Professora aposentada trabalhou a vida inteira com disposição e dinamismo. Além disso, sempre foi apaixonada por música, toca violão e canta muito bem.

Há cerca de oito anos Rosa vem apresentando dificuldades de memória e cognição, tendo sido diagnosticada como portadora de demência senil de causa vascular. De um ano para cá esse quadro tem se agravado e entre as dificuldades que acompanham o demente senil, o silêncio e a apatia acabaram por criar uma barreira na comunicação entre a idosa e as outras pessoas, retirando-a aos poucos da dinâmica relacional. Essa dificuldade de comunicação instalou-se na vida de Rosa até que sua filha resolveu buscar ajuda no atendimento psicopedagógico clínico mediado pela Arte-terapia e pela Musicoterapia.

A utilização da música no decorrer das sessões conquistou a atenção da idosa, estabelecendo uma ponte de comunicação entre ela e o mundo exterior. Foi como se a música tivesse aberto uma porta, até então trancada, esquecida em meio a tantas outras tentativas de chamar-lhe a atenção. Conforme ia cantando e ouvindo as músicas Rosa começava a narrar fatos de sua vida, desde sua infância, quando aprendeu a tocar violão com sua avó portuguesa, passando por sua adolescência rica em exibições de canto e violão em festas e no colégio, até quando foi convidada a participar de um programa de rádio da época, convite este que acabou não aceitando porque seu pai nutria um enorme preconceito por esse tipo de atividade.

Relatou que durante anos se sentiu com “a alma enrugada” por não ter seguido sua trajetória de cantora. O relato emocionado da idosa trouxe à tona a identidade cativante e cheia de vida que todos conheciam. Foi como se por um momento as lembranças de sua história de vida lhe devolvessem sua identidade. Os encontros semanais com duração de 1 hora foram dirigidos com o objetivo de explorar os benefícios da música como elemento de resgate do si mesmo, retomada da memória autobiográfica e também como recurso viabilizador para administrar a condição presente e até mesmo construir um projeto de futuro. Outra idosa, de 83 anos, Celina (nome fictício), irmã de Rosa, participou de todas as sessões.

Os encontros se iniciavam com um relaxamento corporal, sempre ao som de uma música erudita previamente escolhida. Após o relaxamento estabelecia-se um diálogo verbal sobre as sensações provocadas pela música.

As dinâmicas prosseguiram permeadas por músicas diversas, cantadas e tocadas ao violão pelas participantes, que aos poucos narraram suas trajetórias de vida. Esses encontros foram concluídos com reflexões sobre o vivido, com a socialização entre as participantes, tendo em mente encontrar possibilidades de viver o aqui e o agora. Ao final de cada encontro foi sugerido o trabalho de escultura em argila, como forma de simbolização numa linguagem não verbal. O trabalho com argila permitiu um maior contato com a realidade e também a configuração da identidade de cada uma. Além disso, contribuiu para o diálogo interno, elemento essencial para a reconstrução da identidade. Os encontros objetivaram a conscientização da totalidade do eu, por meio do resgate da peculiaridade de cada uma, evidenciada ao longo dos relatos de suas histórias de vida. Para conduzir esses encontros busquei fundamentação nas aulas de Arte-Terapia, ministradas pela Prof^a. Dr^a. Eloisa Quadros Fagali, no curso de Psicopedagogia da PUCSP, nas leituras sobre Musicoterapia e nos estudos sobre Memória Autobiográfica. Esses encontros resultaram numa melhora da comunicação e da auto-estima das duas idosas e na construção de projetos futuros, como por exemplo, tocarem juntas para um grupo de idosos de baixa renda, asilados em uma instituição. Para mim, como psicopedagoga, essa experiência foi um marco em meu processo de maturidade e de superação pessoal. Descreverei a seguir como se desenrolaram esses encontros.

2.1 PRIMEIRO ENCONTRO – CANTANDO HISTÓRIAS

Comecei o encontro promovendo um relaxamento corporal ao som de *Danças Húngaras (nº5)*, de Johannes Brahms. Após o relaxamento estabeleci um diálogo, pedindo que as participantes contassem suas sensações e impressões durante o relaxamento. As duas comentaram sobre a beleza da música e como aquele tipo de melodia ajudava a relaxar, a imaginar coisas. Perguntei que coisas eram essas. Rosa respondeu que se viu em Viena, na Áustria, sentada em frente a um lindo bosque, cercada por casais que dançavam. Explicou que essa é uma cena que ela guarda com saudade, pois de todos os lugares pelos quais viajou, Viena foi

o que mais ela e seu marido gostaram. Perguntei qual sensação mais forte essa lembrança lhe traz. Ela respondeu: “felicidade”. O relato de Rosa caracteriza a importância da música em sua vida, emoldurando sua trajetória e trazendo à tona sensações que ficam guardadas na alma. Penso que para uma idosa em fase demencial o resgate dessa lembrança tão prazerosa e significativa tem o poder de reativar a possibilidade de ser feliz, de estar viva. Celina disse que esse tipo de música lembra o seu baile de formatura. Conta que foi um dia inesquecível, no qual foi pedida em casamento. Disse que naquela noite estava especialmente bonita e que se fechar os olhos, como fez durante o relaxamento, pode até sentir o perfume de seu marido. Perguntei qual a sensação mais forte essa lembrança lhe trouxe. Ela respondeu: “saudade”. A formatura mencionada por Celina simboliza um rito de passagem para a vida adulta, mais significativo ainda por coincidir com um pedido de casamento. O sentimento de saudade traz a lembrança do que já foi vivido, mas intensifica a idéia de uma história de vida repleta de momentos marcantes que ainda está em curso, continua sendo construída. Depois desses relatos, dei um violão para cada uma das participantes e propus a elas que relembassem algumas músicas.

Pedi a Rosa que tocasse alguma música, que como a lembrança de Viena, lhe trouxesse a sensação de felicidade. Rosa demorou um pouco e começou a cantarolar a música *Olhos Verdes* e explicou que essa música lembrava seu marido que tinha lindos olhos verdes. Nesse momento ela se emocionou e chorou um pouco. Celina começou a dedilhar a canção no violão. Rosa a acompanhou cantarolando. Como não lembrávamos a letra por inteiro prometi trazê-la ao próximo encontro. Pedi para Celina que lembrasse alguma música, que tivesse relação com o sentimento de saudade que ela exteriorizou. Ela cantou e tocou a música *Saudade*, do compositor Jaime Redondo. Posteriormente convidei-as a manusearem a argila que estava em cima da mesa. Num primeiro momento percebi que elas não se animaram muito. Rosa disse que ia sujar as mãos, os anéis.

Expliquei que depois lavaríamos as mãos, que os anéis poderiam ser retirados. Celina disse que não sabia fazer esculturas. Expliquei, então, que o objetivo não era a perfeição das formas criadas, mas a oportunidade de liberar a capacidade criativa sem censura, sem julgamento, apreciando o contato com a argila. As duas concordaram em realizar a atividade. Fui dando alguns comandos, no sentido de levá-las a explorar o material, do ponto de vista sensorial. Pedi que

elas moldassem a argila segundo os sentimentos relatados a partir do relaxamento. Celina fez duas alianças entrelaçadas. Disse que o marido foi seu único namorado, seu único amor. Contou que começaram a namorar ainda muito cedo. Ela tinha 17 anos e ele 18. Disse que foi muito feliz, que sofreu muito com a morte dele e que até hoje se lembra com carinho dos momentos felizes que passaram juntos, mas que sofre muito de saudades dele. Contou que os piores momentos do dia são quando ela acorda e quando se deita para dormir. Explicou que nesses momentos, mais do que nos outros, se dá conta de que ele não está mais ali ao seu lado. Celina teve um choro emocionado ao dizer essas palavras. A fala de Celina demonstra que ela reconhece sua realidade de forma verdadeira, que percebe claramente o sentimento de solidão que a acompanha o que não deve ser considerada uma atitude depressiva, mas sim natural, que faz parte da condição humana. Esse reconhecimento de sua própria situação sinaliza a capacidade de entrar em contato com seu interior, consigo mesma, o que deve ser encarado de forma positiva.

Rosa fez um violino e explicou que a música sempre esteve presente em sua vida, que quando se lembra de uma música parece estar vivendo de novo momentos que já passaram. Disse que o som de violinos traz de volta momentos únicos que passou ao lado do marido, de quem também tem muita saudade. Disse que com ele conheceu o que é felicidade, pois era um marido muito bom e amoroso. O encontro foi finalizado com uma reflexão acerca do valor desses sentimentos que enriquecem uma vida e dão a garantia de que ela foi realmente vivida. O depoimento de Rosa mostra mais uma vez a importância da música como elemento restaurador e dinamizador em sua vida. As recordações sobre seu marido trazem à tona a consciência de uma história vivida com felicidade e não há nada melhor para um indivíduo do que a certeza de que a vida vale à pena.

2.2 SEGUNDO ENCONTRO – TOCANDO A VIDA

No início do encontro fizemos o relaxamento corporal ao som de *Quatro Estações* de Vivaldi. Após o relaxamento dei início a um diálogo, perguntando às duas quais as sensações, sentimentos e impressões o relaxamento e a música haviam produzido. Rosa disse que o relaxamento e a música trouxeram-lhe lembranças da infância. Perguntei que lembranças eram essas. Ela contou que quando criança era muito apegada a sua bisavó portuguesa, a qual lhe ensinou a

tocar violão e a cantar. Perguntei se ela lembrava alguma música e ela falou que havia uma sobre um tamanquinho, mas que não se lembrava da letra. Celina lembrou um pequeno trecho e cantarolou tocando violão. Rosa contou que gostava de observar a mãe que tocava piano lindamente. Disse que a mãe a colocou para fazer aulas de violão com a Prof^a Meire Buarque. Nesse momento Celina conta que aprendeu a tocar violão vendo Rosa tocar. Disse que não chegou a fazer aulas com professora especializada, mas que sempre tocava junto com Rosa nas festas da família e do colégio. Contou que a casa na qual moravam estava sempre cheia, que os amigos se reuniam lá para ouvi-las cantar e para assistir a irmã mais velha delas declamar. Disse que nessas ocasiões a mãe, que era professora tocava piano. Rosa acrescentou que não tinham dinheiro, viviam modestamente, mas que a mãe sempre investiu na educação e na música.

Perguntei a Rosa que sentimento essas lembranças de infância trouxeram para ela. A resposta foi: “saudade da minha mãe, uma mãe extraordinária”. Emocionada, Rosa chorou ao falar da mãe. Disse que era uma mulher forte, trabalhadora, que foi o esteio da família. Contou que o pai perdera tudo na crise de 29, que tinha fazendas de café e faliu com a crise. Relatou que o pai não tinha estudo, que tinha dinheiro por causa das fazendas, mas que quando faliu se viu sem ter como ganhar a vida. Foi aí que a mãe, a qual havia se formado professora e tinha recebido uma educação de qualidade e um colégio de freiras alemãs tomou as rédeas da vida nas próprias mãos e começou a lecionar em vários colégios de São Paulo, entre eles o Rio Branco, o Oswaldo Cruz e a Caetano de Campos.

Celina acrescentou que a mãe trabalhava o dia inteiro e que foi ela quem conseguiu colocar dinheiro dentro de casa e fez com que os cinco filhos estudassem e tivessem uma educação de qualidade. O pai queria colocá-los na fábrica para trabalhar, mas a mãe fez questão que todos estudassem e se formassem para terem um futuro melhor.

Perguntei a Celina qual sentimento essa dinâmica havia lhe despertado. Ela respondeu: “alegria, porque recordei da minha família, meus irmãos brincando, nós éramos levados e estávamos sempre juntos”.

Após esses relatos propus que as duas fizessem na argila algum registro do que essas recordações trouxeram à tona.

Rosa fez um pequeno piano e disse que era o piano de sua mãe.

Celina fez um violão e disse que as reuniões musicais das quais participou quando criança a marcaram muito. Ao final da reunião refletimos sobre o privilégio de se ter uma família unida, na qual a arte esteja presente, trazendo alegria. A reflexão salientou o valor da amizade entre os irmãos, sobretudo quando as pessoas vivem tanto tempo como elas e juntas podem compartilhar uma vida inteira. Nessa sessão houve um maior compartilhamento entre as duas idosas, que deixaram transparecer o forte sentimento familiar que as acompanha. Revelaram o quanto a mãe exerceu a maternagem necessária, como também a paternagem no que se refere ao encaminhamento dos filhos para o enfrentamento da vida. Demonstraram o forte laço que as une, por força do reconhecimento da importância da família e do companheirismo que existe. Esse é um dado precioso que faz parte da realidade atual das duas, do aqui e do agora e que pode proporcionar sentimentos e situações bastante positivas para ambas.

2.3 TERCEIRO ENCONTRO – A ALMA ENRRUGADA

O encontro começou com um relaxamento ao som do *Bolero* de Maurice Ravel. Após o relaxamento perguntei quais sensações e sentimentos vieram à tona a partir do relaxamento.

Celina disse que sentiu “paz e ao mesmo tempo vibração”. Disse que gosta muito de ouvir músicas variadas, que quando vai à missa gosta de escutar o organista tocar e às vezes assiste a um coral de crianças na Igreja do Colégio São Luis.

Rosa disse que a música do relaxamento parecia música de festa, que o sentimento era de “animação”. Contou que sempre foi muito festeira, que adorava dançar, mas que seu pai não a deixava sair muito. Celina acrescentou que Nelly era a mais namoradeira, que deu muito trabalho, pois saía escondida pra namorar. Contou que como Rosa cantava e tocava violão muito bem foi convidada a participar de um programa de rádio e que o pai não deixou, pois achava que as artistas eram “mulheres da vida”. Nesse momento, Rosa disse que durante anos “sentiu a alma enrugada”, por não poder fazer o que gostava que era cantar.

Após esse diálogo, propus que elas fizessem uma escultura que mostrasse o que sentiam.

Celina fez uma flor e disse que as flores lhe trazem muita paz, que às vezes compra flores porque se sente bem.

Rosa fez um rádio porque se lembrou dos programas de rádio da época.

Essa sessão foi especialmente rica no que diz respeito à revelação da identidade das participantes. A personalidade vibrante de Rosa foi explicitada tanto por ela como pela irmã, assim como a musicalidade de Celina também foi ressaltada. A constituição do Si-mesmo, segundo Winnicott estende-se por toda a vida do indivíduo e dela fazem parte as experiências acumuladas por ele. Já não há mais presente, passado e futuro, mas a vida pulsante em toda sua plenitude, carregando as peculiaridades, as possibilidades, limitações e vivências de cada um. Somos o que lembramos de nós.

Ao final refletimos sobre como a mesma música desperta sensações e sentimentos diferentes em cada pessoa.

2.4 QUARTO ENCONTRO – A SOLIDÃO

Começamos o encontro fazendo o relaxamento ao som do *Adágio (concerto nº5)* de Bach. Ao término do relaxamento perguntei quais sentimentos, sensações ou colocações elas gostariam de fazer. Rosa disse que a música era muito triste e que “de triste já chega a vida”. Perguntei por que a vida era triste. Ela respondeu que “a gente vai ficando velha e fica tudo difícil, vem o pior que é a solidão. Perguntei por que ela se sentia tão sozinha. Rosa respondeu que não conseguia mais fazer tudo o que fazia antes, sair do mesmo jeito, estar com as pessoas. Falou da falta que sente do marido falecido, da falta de ter mais coisas pra fazer. Contou que sente que as pessoas não a levam a sério, que já não lhe perguntam sobre as coisas como antes e que sofre quando se esquece de alguma coisa. Perguntada sobre o que a música tinha trazido à tona falou: “tristeza”.

Celina disse que a música é triste mesmo, que lembrou momentos tristes, como quando o marido morreu.

Perguntei se esses momentos de tristeza não trazem nada de bom. Celina respondeu que sim, que “a gente aprende a ser mais forte, mas de qualquer jeito é uma porcaria”. As duas deram risadas e o clima ficou melhor.

Propus que elas fizessem uma escultura de argila pra representar esse sentimento de tristeza. Celina fez uma casinha vazia. Disse que a coisa mais triste é

ficar sem ninguém. Rosa não fez nada e disse que o mais triste é não saber o que fazer nem ter nada pra fazer. Essas representações foram muito significativas, pois mostraram claramente o sentimento de solidão, tão comum aos velhos, como também a apatia, o tédio e desânimo que acompanha o idoso demenciado. Revelaram ainda o sentimento de não pertencimento, da falta de um lugar.

A casa pode estar vazia, mas no coração, na mente e na alma dessas mulheres habitam muitas histórias, segredos, sentimentos e sensações que com o auxílio da Arte-terapia e da musicoterapia podem vir à tona, revelando novas possibilidades de ordem perceptiva e cognitiva, pois tudo o que percebemos com nossos sentidos pode revelar novos conhecimentos sobre nós e sobre o mundo.

Perguntei se elas não tocavam e cantavam músicas tristes também. Elas disseram que sim e acabaram cantando um fado de Amália Rodrigues chamado *Nem às paredes confesso*.

Refletimos como a tristeza e a solidão fazem parte da vida e como é impossível viver sem se dar conta desses sentimentos.

2.5 QUINTO ENCONTRO – A TRILHA SONORA

Esse último encontro proporcionou a oportunidade das duas participantes resgatarem o repertório musical escolhido por elas durante todos esses anos.

As duas trouxeram cadernos com letras de músicas, partituras de violão, cantaram e tocaram juntas. Conforme iam lembrando as músicas que as acompanharam pela vida afora, construía uma trilha sonora repleta de suas histórias. Foi um encontro de muita descontração, no qual as duas combinaram que se encontrarão ao menos uma vez por semana pra ensaiar, com o objetivo de tocarem e cantarem para outras pessoas.

Sugeri que elas podem se apresentar a outros idosos como, por exemplo, os que estão asilados e que são carentes de diversão. Essa sugestão foi prontamente acatada por elas, e configura-se como uma oportunidade de resgate cognitivo de ambas, que ao se comprometerem com os ensaios se comprometem também na aprendizagem das músicas, muitas delas já esquecidas por ambas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os encontros relatados aqui proporcionaram a essas idosas a oportunidade de serem escutadas, olhadas, reconhecidas pelo outro em suas peculiaridades. Essa escuta e atenção por si só já teve um efeito terapêutico. O trabalho com música e com argila, o emergir da experiência intuitiva, sensorial, o fluir do sentimento e o diálogo interno que os encontros propiciaram ajudaram na reconstrução da identidade das participantes. A retomada de um lugar, a possibilidade de participar da cena da vida aumentou a auto-estima das duas, possibilitando inclusive um projeto de exercício de cidadania, quando elas acolheram a idéia de tocar para outros idosos. Isso é projeto de vida, projeto de esperança e certeza de que mesmo em meio a tantas dificuldades o ser humano pode deixar no mundo a sua marca pessoal.

O relato de experiência evidencia que o trabalho psicopedagógico voltado para os idosos pode se beneficiar muito acolhendo as contribuições da Arte-terapia e da Musicoterapia, como elementos reveladores da vastidão de recursos que constituem a pessoa humana.

Como psicopedagoga volto meu olhar aos idosos, que após a construção de toda uma trajetória de vida se vêem muitas vezes isolados de si mesmos, da família e da sociedade.

As condições de exclusão vividas por tantos idosos, vítimas de uma sociedade que não se preocupa em garantir-lhes um lugar verdadeiro no qual possam experimentar o que foi chamado por Winnicott de viver criativo, contribui para a triste antecipação da morte mais cruel que é a morte psíquica.

A abordagem psicopedagógica mediada pela Arte-terapia e Musicoterapia considera justamente a possibilidade do idoso experimentar o viver criativo, de reaver seu lugar na cena atual e de re-conquistar a auto-estima e o reconhecimento.

O progresso cognitivo estará nesse tipo de atendimento atrelado a oportunidade da realização de um diálogo entre o mundo interior e exterior do indivíduo.

Trata-se de reconhecer o direito do velho a refletir sobre a própria vida, a continuar se perguntando *quem sou eu e qual a finalidade de minha existência*.

Se tirarmos do idoso o direito incontestável de pensar sobre a própria existência estaremos roubando sua humanidade, excluindo-o da participação da vida.

Excluir o idoso é roubar da pessoa o direito sagrado de ser e uma sociedade, que não se importa em reservar um lugar digno a seus velhos demonstra o desprezo completo pelo ser humano.

A Psicopedagogia é uma área do conhecimento que se propõe a defender a autoria do sujeito, que se direciona no sentido de fortalecer esse sujeito para que o mesmo seja protagonista da própria história e o idoso tem todo o direito de ocupar esse papel.

Esse relato de experiência teve como objetivo mostrar que a intervenção psicopedagógica tem um papel a cumprir com relação ao velho, sobretudo no que se refere a resgatar a identidade do mesmo, reforçando suas chances de contínua reconstrução.

O presente trabalho objetivou demonstrar que uma parceria entre a musicoterapia e a Arte-terapia, associadas em prol do benefício das idosas participantes, permitiu que as mesmas tivessem voz e se percebessem como seres em evolução.

Demonstrou que o valor da arte permeia a trajetória humana, sendo muitas vezes o fio condutor onde pulsa a essência de cada um.

As atividades aqui relatadas possibilitaram a valorização do ser, repleto de potencialidade criativa, muitas vezes imerso e perdido numa ciranda de exclusão social, mas que aos poucos vai se re-descobrimo e re-desenhando seus próprios contornos.

Vivenciando aspectos do mundo interior e exterior, as participantes se conscientizaram do seu estar no mundo, e vislumbraram novas formas de se conhecer e de ser.

O valor dessa intervenção reside em oportunidades criadas para construções e articulações entre as intuições, as emoções, o pensamento, os conteúdos inconscientes e conscientes, tudo isso em meio ao resgate das possibilidades criativas e ao exercício da cidadania.

Dessa forma talvez seja possível que o idoso viva seu *crepúsculo* como Jung nomeou essa etapa da vida, de maneira plena e digna.

Esse relato de experiência deu início à prática em psicopedagogia clínica dirigida aos idosos, trabalho ao qual pretendo dar continuidade em consultório e instituições que acolhem as pessoas da terceira idade.

Termino esta monografia com um poema de minha autoria que exprime em poucas palavras o significado do tempo em nossas vidas. Um tempo mais kairós do que Chronos, mais da alma e da essência que deixamos imprimida no mundo e nas pessoas com as quais convivemos.

Tempo

*Tempo, és dono do que?
Se na alma não mandas,
meus segredos não vês.*

*Se estás no calendário
passas sem perceber,
mas se estás no coração
em meio a tanta emoção,
és mestre de grande lição
de que o tempo dessa vida
não se conta com a mãos.*

*É tempo de sonhos e amores,
de morrer e renascer,
buscando a libertação.*

Maria Inês

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSANDRINI, Cristina Dias. **Oficina criativa e psicopedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

_____. **A Criatividade e a Imagética na Perspectiva da Aprendizagem**. São Paulo: Revista Construção Psicopedagógica, Ano II, número 2, Sedes, 1994.

ARCURI, I. G. (org), CÔRTE, B. (org), MERCADANTE, Elisabeth Frolich (org). **Envelhecimento e Velhice: um guia para a vida**. São Paulo: Vetor, 2006.

BOGOMELETZ, D. L. **Winnicott e a Música**. Disponível em <<http://www.psicopedagogia.com.br>>

BOSI, A. **Reflexões Sobre a Arte**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOSSA, N. A. **Fundamentos da Psicologia**. In: **A Psicopedagogia no Brasil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BROCHSZTAIN, C. **O Susto ao espelho: um estudo psicológico do envelhecer**. Mestrado em Psicologia Clínica, PUC/SP, São Paulo, 1996.

CAMPBELL, D. **O Efeito Mozart**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CARVALHO, Maria Margarida M. F. **A Arte Cura? - recursos artísticos em psicoterapia**. São Paulo: Psy II, 1995.

DIAS, O. Elsa. **A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003.

FABIETTI, D. M. C. F. **A Arte na Terceira Idade**. In: **Arte –terapia: Reflexões**, São Paulo: Departamento de Arte-terapia do Instituto Sedes Sapientiae, Ano III, nº 2, 1997-1998 (págs. 74-79).

FAGALI, E. Q. **Arte e Expressão no Trabalho com Problemas de aprendizagem**. São Paulo: Revista Construção Psicopedagógica, Ano I, nº 1, Sedes, 1992 (págs.11-13).

_____; VALE, Z. D. R. do. **Psicopedagogia Institucional Aplicada**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Arte-Terapia-Psicopedagogia (Oficinas e Reflexões Teóricas)**. Apostila – São Paulo, 1997.

_____. **Oficinas Integrativas:** Musicoterapia, Arte-Terapia, Literatura. In: **Arte-Terapia, Reflexões.** Revista do Departamento de Arte-Terapia do Instituto Sedes Sapientiae, Ano III, nº 2, São Paulo, 1997-1998 (págs. 43-49).

FERNÁNDEZ, A. **A mulher escondida na professora:** uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporeidade e da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **Psicopedagogia em Psicodrama:** Morando no Brincar. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

JUNG, C. G. **O Homem e seus Símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

PAIN, S. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

WINNICOTT, D. W. **A Localização da Experiência Cultural.** In: **O Brincar e a Realidade.** Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1975.

WINNICOTT, D. W. **O Gesto Espontâneo.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

WINNICOTT, D. W. **Os Bebês e Suas Mães.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. **Holding e Interpretação.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WINNICOTT, D. W. **A Família e o Desenvolvimento Individual.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.